



VERDES ANOS

Hoje, 29 de Novembro de 2013, faz cinquenta anos que *Os Verdes Anos*, realizado por Paulo Rocha, se estreou em Lisboa, nos cinemas S. Luiz e Alvalade.

Hoje, portanto, volta a fazer anos o Cinema Português.

Porque nessa outra sexta feira, 29 de Novembro de 1963, o Cinema Português renasceu, pela mão de uma geração única que marcou a sua história na restante parte do século.

Hoje a Cinemateca evoca a memória de Paulo Rocha, saúda aqueles que trabalharam num dos títulos máximos do nosso cinema, e presta homenagem a todos os que tornaram possível a obra global do Cinema Novo Português.

Em Janeiro de 2014, a Cinemateca Portuguesa apresentará, em ante-estreia nacional, a última obra de Paulo Rocha, *Se eu fosse ladrão... roubava*.

No primeiro trimestre de 2014, o Cinema Novo voltará a estar em foco na programação da Cinemateca, através de uma homenagem ao Produtor António da Cunha Telles e de novos ciclos integrais dedicados aos Realizadores Fernando Lopes e Paulo Rocha.

No final do primeiro trimestre, a Cinemateca Portuguesa, em parceria com a Midas Filmes, estará também envolvida na estreia comercial de *Se eu fosse ladrão... roubava*, em simultâneo com a reposição nas salas de cinema das versões restauradas digitalmente de *Os Verdes Anos* e *Mudar de Vida* - restauro feito com a supervisão do Realizador Pedro Costa – bem como no início da edição em DVD da Obra Completa de Paulo Rocha.







OS VERDES ANOS, de Paulo Rocha

Deste filme desprende-se, ao longo do tempo em que em nós assentam as visões que dele tivemos, o gosto das coisas gráficas. O aspeto que o percorre é a intimi-

*dade a cada plano encontrada e dada à câmara com o ligeiro sobressalto da dria que o tema introduz. Quem conhecer de cor as cinco primeiras cenas do *Così fan**

Tutte fixará os Verdes Anos e saberá
decompô-las, para os amar, em árias,
recitativos e ductos para os resumir no
mais belo quinteto que cantejo, e assim
se resume também em palavras:

Il destín così destrada
la speranza de' mortali
Ah chi mai fra tanti mali
chi mai può la vita amar?

Esta obra, cinema de câmara — tã-
-ta Paulo Rocha dedicado secretamente
a Jacques Becker? —, em si mesma tri-
-tura e molda os seus defeitos que depois
se transformam moduladamente na paz
da linha seguinte. A voc-off de Paulo Ro-
-nato desaparece verdadeiramente quando
pronuncia a palavra cidade e uma quase
imperceptível panorâmica, depois de uma
pausa, descobre as casas para lá das ter-
-ras. É este o primeiro genérico do filme.
A desajeitada recepção da porteira alean-
-tejana resolve-se depois no descobrir do
jeito de abrir uma porta cromada de
fecho escondido. E assim sempre, até que
as repetidas passagens tudo afinam e as
vozes se libertam para a seu reunido
atravessar os campos. Intimamente, na
solidão, duas pessoas designam em ima-
-gens que as enquadram a olhar a rio e
olhadas de um barco, a recuperar uma
camisola molhada, recuperadas brevemente
no centro de uma canção que as
destina. A ária, mais secreta inicia-se
naquela admirável plano em que Isabel
Rufo e João Gomes, libertados entre o
espectador e a janela do sapateiro trocam
palavras — quais, quem se lembra de-
-las? — que os implicam um no outro,
reaparece na cena nocturna do passeio
-após-Tente-Bar e na sequência da pas-
-sagem de modelos e sustenta-se no pas-
-sado final até à cidade universitária. É a
ária chamada do segredo os do tempo
prontos a nascer.

Todo o filme é um nascer de luz num
céu ainda claro de anoitecer.

Era um segredo
sem ninguém para ouvir,

eram enganos
e era um meio,
a morte a rir
nos nossos verdes anos.

Três olhos não eram paz,
não eram consolação,
O amor que o tempo traz
o tempo o leva na mão.

No nosso sangue corria
um vento de sermos nós,
Nascia a noite e era dia,
e o dia acabava em nós.

O extraordinário poema da canção que
só uma vez se ouve — e que a intervenção
excessiva da guitarra nunca nos deixa
esquecer — resume o que olhos pouco
atentos poderiam levar a não ver — que a
morte se desprende brandamente, uma
noite, por entre a solidão e deixa estu-
-pefactos os jovens estrangeiros prospec-
-tores de mundos fechados. Da última
imagem, estática, evoluem-se estas pala-
-vras de Lequier: *En un point de ce vaste
monde animé d'un mouvement continuél
et continuellement transformé, où d'in-
stant en instant rien ne se produisait qui
n'eût la raison de son existence dans
l'état antérieur des choses, je me vis au
delà de mes souvenirs; je me vis à mon
origine, moi, ce nouveau-né qui était moi,
ce moi étranger qui commençait mon être,
je le vis déposé à son lieu en un point
de cet univers...*

Os Verdes Anos, de Paulo Rocha, poe-
-ma de Pedro Tamen, diálogos de Nuno
de Bragança, são um filme além do mais
português, facto que se assinala por-
-que muito raras vezes uma obra de
arte deixou, entre nós, assim transpare-
-cer também além do mais todo o fata-
-lismo, o tempo absorto e o peso surdo,
pesado e prolixo que há tanto se carai-
-zaram na terra e a céu definindo, no seu
nosso deir.

ALBERTO VAS DA SILVA







«OS VERDES ANOS»

Sou a favor de «Os Verdes Anos» (São Luiz-Alvalade). Sem reservas? Seria o milagre e ainda bem que tal não se verifica. Precisamos de gente que tenha uma consciência adulta das suas dificuldades. Precisamos de gente que não se julgue acima de toda a crítica e não salte ao terreiro reclamando vociferantemente a sua prévia benevolência: «alto lá, que não podemos ser atacados, chegamos agora, vamos fazer coisas interessantes, portanto — bico caído!».

Ora, na equipa que concebeu e executou «Os Verdes Anos» houve uma simplicidade e uma modéstia que julgamos ser exemplo a seguir. Sobretudo, num meio em que superabundam os pavões, os auto-suficientes, os pequenos génios de uso doméstico.

Diz-se constantemente que Lisboa é uma cidade conquistada por provincianos. «Os Verdes Anos» conta-nos a história dum provinciano que foi vencido, triturado, esmagado pela cidade (a imobilização dos três últimos planos é eloquente). Mas seria injusto reduzir o filme a uma análise do desfazamento entre o meio rural e o urbano; «Os Verdes Anos» constitui, por vezes, uma profunda dissecação da quase-incomunicabilidade entre dois seres solitários.

Paulo Rocha conseguiu uma Lisboa diferente, mas real: o Áreiro e Alvalade mostram uma retaguarda carrancuda, com escadas de serviço, «hoje não pode ser», marquises tristes, roupa a secar, melancolia quotidiana e namoros frustrados; a câmara atravessa o rio e vai à Outra Banda registar um almoço na tasca ao lado do grande restaurante para turistas, instala-se em bares e cervejarias lúgubres e rodeia a cidade marginalmente, sem a possuir, como se os personagens jamais conseguissem viver nela, jamais lograssem desflorar a sua impenetrabilidade de metrópole cruel. «Os Verdes Anos» fala-nos dum juventude real, com problemas reais, numa cidade real. O que também não deixa de constituir novidade num cinema que tem «flirtado» em demasia com o bilhete postal e com a degradação dum folclore barato, com o faduncho inevitável e com a piada de baixa revista. O diálogo de «Os Verdes Anos» constitui, finalmente, a linguagem que as pessoas falam, descontando duas ou três coisas difíceis, extremamente difíceis mesmo, de pronunciar com naturalidade.

Por
JOSÉ VAZ PEREIRA

Mas deparamos com frases, com conversas que podemos escutar nas ruas, nos transportes, nos empregos, que não ofendem a realidade, que poderiam ser a fala de qualquer pessoa idêntica às retratadas no filme. O calão introduz-se no diálogo com conta, peso e medida e algumas das suas palavras mais acutilantes, além de tornarem mais definido o nível social dalguns personagens, dão a certas réplicas e mesmo a certos monólogos uma expressividade raramente vista no cinema português. Aqui também soube-se dirigir actores: todos são eficientes, discretos, oportunos. Já estamos longe do tipo de representação teatral que contribuía, em grande parte, para tornar inaceitáveis muitos filmes rodados nos nossos estúdios. Em «Os Verdes Anos» os intérpretes actuam com consciência da diferença abissal que se verifica entre representar num palco e representar diante duma câmara, dum máquina que capta imagens. Mesmo certas mímicas, certas atitudes plásticas necessárias para certa ênfase que o teatro pede resultam chocantes no cinema se não se acharem os seus equivalentes para uma linguagem que solicite todo um «método de actor» diverso. Deu-se um grande passo em frente, não há dúvida.

A película aparece-nos recheada de apontamentos que enquadram e explicam a trajectória dos protagonistas: o aprendiz de sapateiro deslocado numa grande cidade e a criada de servir, já mais evoluída, que ambiciona e sonha com uma condição diferente. O tipo da samarra, a bordo do cacilheiro, que fala do trabalho bem remunerado que há na Alemanha; o elevador «donde se atira muita gente abaixo»; o rapaz que confessa ter corrido Portugal atrás de onze homens que jogam a bola; os «cocas», os espreitados furtivos que observam, às escondidas, os pares de namorados numa zona arborizada; os longos passeios sem dinheiro no bolso para ir a qualquer parte; a frieza dum arquitectura que ignora a solidão e o desespero dos homens e das mulheres que se encostam às suas paredes; a dona de casa tornada compreensiva pelo desinteresse que o marido lhe vota; o moço que não sabe abrir o fecho da porta dum prédio moderno, o patrão que

faz o empregado trabalhar ao domingo «para acabar umas coisitas» — tudo isso faz parte do dia-a-dia, das horas que nos resignamos a viver na esperança de tempos melhores.

Falamos de apontamentos e torna-se forçoso realçar que «Os Verdes Anos» comporta duas belas sequências: a do baile na sociedade popular e a da discussão entre Hilda e o aprendiz por causa da camisola que acaba por nos tocar por uma autêntica força poética, por uma torrente de sincero lirismo.

A cena do baile, tão verdadeira, tão lisboeta, representa, para nós, o momento mais feliz de toda a película com os seus galãs de bairro, a sua figuração sonolenta, o seu cenário de quota de 7850, a sua música de domingo à tarde, as suas discussões onde não se passa da ameaça verbal. Mas nesse ambiente Hilda e o rapaz conseguem ter uma individualidade diferente e uma momentânea identidade

(Continua na página 13)

O Prémio Nacional das Artes foi atribuído a Hans Arp

Arp andou sempre envolvido e deu a maior das contribuições à arte contemporânea. Não há na sua arte, que revela um talento gráfico muito puro ao serviço das composições claras que forneceram a matéria tanto dos belos bronzes como das tapeçarias de contrastes subtis, a mais pequena indecisão, a mais leve tentação de retrocesso — mesmo a por dos muitos artistas que se voltaram para os diversos «neos-classicismos» e outras tendências regressivas. Hans Arp é um europeu. Estudou em Weimar e na Academia Julien. Viveu na Suíça de 1909 a 1912 e aí fundou o grupo «moderno» que apresentou Klee. Depois aderiu ao grupo do Blaue Reiter (Cavaleiro Azul) chefiado por Kandinsky e que se organizou em Munique na Galeria Tanheuser, no ano de 1911. A seguir, Arp frequenta Tzara em Zurique por volta de 1916 e Max Ernst em Colónia. A sua colaboração com Sophie Taeuber que desposou em 1921, coincide mais ou menos com o seu período surrealista, marcado pelas longas permanências em Paris que vão de 1922 a 1926. As suas relações com Miró confirmam a sua originalidade de

escultor. A morte de Sophie Taeuber em 1943 e a viagem aos Estados Unidos em 1949 focam uma actividade criadora interrompida. A sua primeira recolha de poesias «On My Way» aparece em 1948 seguida de uma outra em 1952. Trabalha em Caracas, de 1953 a 1954 e é galardoado em 1954 com o prémio de escultura da Bienal de Veneza. Depois fixa a sua residência em Meudon. Entre as suas exposições mais recentes ficaram célebres a do Museu Rodin em 1956, a do Museu de Arte Moderna e as frequentes na Galeria Denise René. Hans Arp nunca separou a poesia da escultura, no decorrer da sua obra que é vasta (nasceu em Estrasburgo em 1887) e por isso a sua produção está entre o real e o imaginário, entre as formas elementares e a sua destruição latente. Quando diz que «o homem deve entrar de novo na natureza», Arp traça o caminho que as gerações posteriores vão seguir, porque na sua frase que a sua obra explicita, está visível, acima de tudo a ausência de toda a cópia e de toda e qualquer descrição. Para ele «uma obra de arte é um fruto espontâneo do homem».

Escrevo-lhe para lhe falar do seu filme como um admirador, não como um crítico. Não que seja preciso invocar a tal boa-vontade ou simpatia que nos vêm pedindo há uns filmes a esta parte. Trata-se desta vez se não de entusiasmo, pelo menos de surpresa e de admiração, ou se quiser, de simpatia, sim, mas de simpatia directa, que não precisa que lhe assoprem com as boas intenções do autor que arranjou desculpas postizas para a falta de talento. Sucedeu-me desta vez, que, tendo visto, até agora, o seu filme duas vezes, a mesma impressão me ficou: o filme é jovem e adulto, sincero e responsável. Vou ser parcial na minha admiração, mas não quero dar ocasião a que se diga que a admiração me cegou. Por isso começarei por lhe dizer quais me parecem ser os dois maiores defeitos do seu filme e que o prejudicam: o primeiro é a interpretação de Rui Gomes, que parece mais saído dum filme de Cocteau, do que chegado da província, com boina, cesto e guarda-chuva. O segundo, que talvez V. possa resolver em futuras cópias, é a dessincronização. Mas nem um nem outro lhe roubam os encantos, que, esses, são para mim inestimáveis. «Os Verdes Anos» digo-o e sublinho-o, é o melhor filme, que digo eu, o único que se fez em Portugal desde que V. nasceu. V. que eu sei modesto, dir-me-á que não, que enfim, há o Manuel de Oliveira. Mas eu falo do cinema de ficção. Há anos (por alturas mais ou menos da morte do Pessoa) que esta «apagada e vil tristeza» tem dado à luz uns filhos enfiados para as artes, uns pobres poetas que se calarão no dia em que lhes aumentem os ordenados, e mais um ou outro, bastardo, de quem não falo porque a excepção neste caso não desmente a regra. Noves fora, nada. O seu filme é portanto essa prova dos nove do nosso cinema, mais do que a prova dos novos, porque a idade não é uma questão de anos (Renoir e Walsh sózinhos são mais novos do que nós todos juntos!). Quero dizer é que «Os Verdes Anos» deveria bastar para envergarem os nossos fabricantes de películas, refiro-me aos «realizadores» que V. sabe, se eles soubessem o que é a vergonha. Aproveito já agora, se é que algum deles me leu até aqui, para lhes dar um conselho: eles que lhe peçam para ser seus assistentes... V. e o leitor dir-me-ão que eu exagero, e é verdade. Dir-me-ão que o seu filme não é melhor nem pior do que, por exemplo, «Il Posto» e eu não os desminto. Mas entendo também que não é um mau começo. É um pouco verdade que cada país tem o cinema que merece, e nós não merecemos ainda um Rossellini...

O que é verdade é que o cinema que nós tínhamos (depois de, digamos, «A Maria do Mar» e, vá lá, as duas «Canções» — a «da Terra» e a «de Lisboa» — e também o caso isolado de Manuel de Oliveira), o cinema que nós tínhamos, dizia eu, era bronco, maldoso, grosseiro. O seu, ao contrário, tem uma qualidade, rara, e a maior aos meus olhos: o pudor. O assunto é delicado e V. pega-lhe com as pontas dos dedos. Os filmes belos como o seu conhecem-se como o cristal, pelo toque. O pudor em cinema é quase sempre sinónimo de eclipse, sugere mais do que mostra. Alguns dos maiores sabem-no bem (Lang, Renoir, Ophüls, Mizogouchi): o único problema sério dum cineasta é o de saber o que deve mostrar, como e quando o deve mostrar, tudo isto num mesmo movimento. V. que trabalhou com Renoir, e que espero compartilhe comigo a admiração pelo autor de «La Chienne», dar-me-á concerteza razão se eu disser que o mais belo movimento da história do cinema está no «Diary of a Chambermaid», quando a câmara se esconde para nos poupar

(Continua na página 13)

GENTE NOVA, SEM PASSADO
E SEM RESPONSABILIDADES
NA PRODUÇÃO NACIONAL

E QUE TEM DO CINEMA UMA VISÃO
UNIVERSAL, QUE LHE ADVÉM DO LONGO
CONTACTO COM OS ESTÚDIOS PARISIENSES

Produtor: CUNHA TELLES
Realizador: PAULO ROCHA
Interpretes: ISABEL RUTH
RUY GOMES
e com a participação de
PAULO RENATO

DERAMOS O MAIS ACTUAL DE TODOS OS FILMES PORTUGUESES

OS VERDES ANOS

que apresenta ainda uma vedete ignorada:
LISBOA — tal como a pádua sobre a vida e a morte!

OS VERDES ANOS

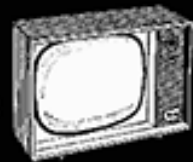
Uma obra poética e realista que, guardadas as
proporções, está, de certo modo, para a produção
nacional, como «DUAS HORAS DA VIDA DE UMA
MULHER» (Clas. de 5 a 7) para a cinema francês

ESTREIA SENSACIONAL

HOJE em SAO LUIZ e ALVALADE

AVISO: — Hoje em SAO LUIZ e em ALVALADE, a estreia, incluindo a primeira sessão de abertura.

EM SUA CASA...
A CATEGORIA DA MARCA



SEM ENTRADA INICIAL
SEM FIADOR
PRESTAÇÕES MENSIS
DESDE ESC. 100\$00

CARTAZ • DOS • CINEMAS

Estreias de hoje
OS VERDES ANOS — São Luiz
OS VERDES ANOS — Alvalade
AS 3 VERDADES — Eden
LA ROCCA — Avis

AVIS Tela 1000 Estreia hoje LA ROCCA com: Ruy Gomes, Isabel Ruth, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato	IMPERIO Tela 1000 Estreia hoje TAMBÉM SOU com: Maria Serrão, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato
SAO LUIZ Tela 1000 Estreia hoje OS VERDES ANOS com: Isabel Ruth e Ruy Gomes	CONDES Tela 1000 Estreia hoje ROCAMBO com: Ruy Gomes, Isabel Ruth, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato
EDEN Tela 1000 Estreia hoje AS 3 VERDADES com: Ruy Gomes, Isabel Ruth, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato	ROMA Tela 1000 Estreia hoje ROCAMBO com: Ruy Gomes, Isabel Ruth, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato
ODON Tela 1000 Estreia hoje NOITES DE CASABLANCA com: Ruy Gomes, Isabel Ruth, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato	AVIS Tela 1000 Estreia hoje LA ROCCA com: Ruy Gomes, Isabel Ruth, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato
RESTEIO Tela 1000 Estreia hoje HISTÓRIA DE UM GRANDE AMOR com: Ruy Gomes, Isabel Ruth, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato	ROYAL Tela 1000 Estreia hoje LA ROCCA com: Ruy Gomes, Isabel Ruth, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato
CINEMA ESTOR Tela 1000 Estreia hoje OS VERDES ANOS com: Isabel Ruth e Ruy Gomes	AVIS Tela 1000 Estreia hoje LA ROCCA com: Ruy Gomes, Isabel Ruth, Paulo Renato e com a participação de: Paulo Renato



COLISEU HOJE
AS 21.30
ESTREIA SENSACIONAL
NOVA COMPANHIA DE CIRCO
A MAIS VARIEDADE ATRACÇÕES DA ACTUALIDADE
BELNAS DE PALHAÇOS 3
Primeira apresentação de noite, com sessão gratuita de entrada das 8 das 21.30
Os preços podem variar segundo a programação

CARTA ABERTA

(Continuação da página 11)

(e Renoir é o primeiro espectador) a cruel morte do pai... Experimente a dar a sua história a fazer aos tais fulanos de que falo acima: arranjariam maneira de casar os rapazes no fim com a bênção dos patrões. Ora quem souber ver um filme, saberá aplaudir que V. «feche a porta» sobre o crime final, que faça um grande silêncio na cena seguinte, e que fixe o último instante do filme, que fica suspenso pelo fio invisível da tragédia. Dir-me-ão talvez que são pequenas coisas, mas são essas pequenas coisas que fazem os grandes filmes.

soube, que milagre! servir-se dum comentário de viola, e duma canção portuguesa, coisas que eu julgava, confesso, impossíveis.

Fico por aqui. Espero sinceramente, que as pessoas saibam merecer estes seus «Verdes Anos». Verdes, amargos anos...

António-Pedro Vasconcelos

CRÍTICA DE CINEMA

(Continuação da página 11)

e a montagem auxilia imenso esse súbito fusão de dois seres, esse florir inesperado dum encontro humano no meio duma atmosfera de melancólica mediocridade, cortando muito bem os planos, transmitindo-lhes um arfar é um ritmo que significa cinema, com a banda sonora registando uma canção que se adapta magnificamente às imagens, sublinhando a sua vibratibilidade sentimental.

Isabel Ruth revela-se uma actriz cheia de à-vontade, presença, segurança e inteligência interpretativa. A sua criada de servir possui nervo e vitalidade e a figura é composta correctamente. Todo o bloco de actores, aliás, afina por um certo diapásio, por um certo timbre que só se pode conseguir com um trabalho de equipa bem estruturado. Paulo Renato dá um soberbo exemplo de solidez profissional, compondo uma personagem tão difícil como importante.

Outra coisa: não sei se as pessoas saberão ver sózinhos qual é o conflito mais secreto do filme, aquele que afinal o justifica, o da corrupção da cidade, da capital, e que V. sabe filmar tão bem, sempre discreta mas justamente, mostrando esse bairro de Alvalade que vai empurrando os campos para trás. Conflito balzaquiano por excelência, e tema maior da literatura francesa do século XIX, de resto, entre o Tio (espécie de pequeno Rastignac da construção-civil), e o sobrinho, que sofre tragicamente o choque com a cidade, carácter «puro», obrigado a ver Alvalade duma cive improvisada em sapataria onde — coisa terrível! — não cabe uma pessoa de pé!

Mais ainda: V. soube descobrir uma Isabel Ruth maravilhosa, e dirigir Paulo Renato com sobriedade; soube encontrar um tom português, ou pelo menos lisboeta, com a tristeza toda dos domingos, no Parque Eduardo VII ou numa sala de Sociedade Recreativa, onde não falta o biliar e o estilista do tango. E



VERDES ANOS

VERTES ANNÉES

REALISATION
PAULO ROCHA

INTERPRETES
**RUY GOMES
ISABEL RUTH**

PRODUCTION
CUNHA TELLES

PAULO ROCHA (REALIZADOR ESTREANTE):

O MEU FILME VAI PROVOCAR SURPRESAS!

Com muita mais coisa de cinema. Não se trata de um filme qualquer, mas de um filme que vai provocar surpresas.

— Como trabalhei com o filme de Paulo Rocha? — Paulo Rocha é um cineasta que sabe o que quer e sabe fazer. Ele não se deixa levar por modismos e tendências. Ele trabalha com o que acredita e com o que sente. Seu filme é uma obra-prima que vai mudar a maneira de ver o mundo.

— Que foi Paulo Rocha? — Paulo Rocha é um cineasta português que nasceu em 1914. Ele estudou na Escola de Belas-Artes de Lisboa e depois trabalhou em vários países. Ele voltou para Portugal em 1945 e começou a trabalhar no cinema. Seu primeiro filme foi "Os Verdes Anos" em 1963.

DIÁRIO DO MINHO
CAMPO (10) Porto

CRÍTICA DE CINEMA

«VERDES ANOS» no São Luís

Todas as iniciativas que se revelam para promover o cinema português são bem-vindas. Não se trata de um filme qualquer, mas de um filme que vai provocar surpresas.

— Como trabalhei com o filme de Paulo Rocha? — Paulo Rocha é um cineasta que sabe o que quer e sabe fazer. Ele não se deixa levar por modismos e tendências. Ele trabalha com o que acredita e com o que sente. Seu filme é uma obra-prima que vai mudar a maneira de ver o mundo.

ESTREIA

OS VERDES ANOS — de PAULO ROCHA

Mais um filme português nos foi dado por ontem, em estreia, no Teatro Sá da Bandeira.

Sem que o artista...

«Os Verdes Anos» de Paulo Rocha

«Os Verdes Anos» é um filme de Paulo Rocha, que nos foi dado por ontem, em estreia, no Teatro Sá da Bandeira.

— Como trabalhei com o filme de Paulo Rocha? — Paulo Rocha é um cineasta que sabe o que quer e sabe fazer. Ele não se deixa levar por modismos e tendências. Ele trabalha com o que acredita e com o que sente. Seu filme é uma obra-prima que vai mudar a maneira de ver o mundo.

de Letras e Artes 6/05/1964 cinema português (3)

Depõe o jovem PAULO ROCHA DR DE «OS VERDES ANOS»

Entrevista conduzida por LAURO ANTÔNIO

toma é uma... de Paulo... daram mul... eu primeiro... es Anos... — fortunamen... igualmente... is enormes... Rotunda da... no cruza... da dos Es... ele mora... a conhecer... observá-lo... biente. E se... r, de igual... to melhor!... i desses ca... mos encon... uilo Rocha... rmos algu... obre a sua... seus projec... il estado do

— Quanto à crítica?
— Reagiu de um... muito vivo: não houve... que não tivesse sido po... pinaros da lua ou p... da amargura. Para a... lado positivo reve... certa falta de sen... Quando quis apor... tesco e filiações... sempre.
— A sua form... H. E. F... Pr... lhe uma man... derra de enc... não é verdade... — Modern... Pelo menos... me faltava... Vigo, f... Lang, os... modernic... pontâne... de esta... de «Be... te est... breu... laça... «Ve... co... re... e

lhe pergun... encarado a... , após a es... ss Anos», e... ctualmente... pensou um... : lado com o... isá relativo... bra com in... pessoais. O... reage con... sas que já... traidamen... r: onde ei... ensação é... sala ria as

— univers... nagens percor... ela fosse um te... doria, com os se... lados.
— Dizem que nã... dem o assassina... Porém, se... rem ate... pal-

inha idade... grãnde es... compensa... io burguês... ia tão gra... ncreto que... neralidades... ga que se... o de preci... o pé, sente... logo

— OS NOVOS CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS
— UM GRUPO DE JOVENS DESCONHECIDOS CONSEGUIU REALIZAR O FILME «VERDES ANOS» QUE ESTA NOITE É APRESENTADO NOS CINEMAS S. LUÍZ E ALVALADE

KAST DIVULGA A DO CINEM

25 de 1964



A propósito de «OS VERDES ANOS»

«Os Verdes Anos» é um filme de Paulo Rocha, que nos foi dado por ontem, em estreia, no Teatro Sá da Bandeira.

— Como trabalhei com o filme de Paulo Rocha? — Paulo Rocha é um cineasta que sabe o que quer e sabe fazer. Ele não se deixa levar por modismos e tendências. Ele trabalha com o que acredita e com o que sente. Seu filme é uma obra-prima que vai mudar a maneira de ver o mundo.

— A propósito de «Os Verdes Anos»... Este filme de Paulo Rocha, que nos foi dado por ontem, em estreia, no Teatro Sá da Bandeira, é uma obra-prima que vai mudar a maneira de ver o mundo.

— A propósito de «Os Verdes Anos»... Este filme de Paulo Rocha, que nos foi dado por ontem, em estreia, no Teatro Sá da Bandeira, é uma obra-prima que vai mudar a maneira de ver o mundo.

OS NOVOS CAMINHOS DO CINEMA PORTUGUÊS

UM GRUPO DE JOVENS DESCONHECIDOS CONSEGUIU REALIZAR O FILME «VERDES ANOS» QUE ESTA NOITE É APRESENTADO NOS CINEMAS S. LUÍZ E ALVALADE

ANOS VERDES DE UMA CATEDRA CINEMATOGRAFICA

por MANUEL VARELLA

86

— Era uma vez um rapazinho da provincia que veio para Lisboa. Aprende o oficio de sapateiro, e depois... Rocha foi o autor do argumento de «Os Verdes Anos», que numa inquietante procura da existên... de um tempo digno de... mar as suas reais possibilida... Há

NOVA GERAÇÃO

CINEMA NOVO EM PORTUGAL

— Este filme de Paulo Rocha, que nos foi dado por ontem, em estreia, no Teatro Sá da Bandeira, é uma obra-prima que vai mudar a maneira de ver o mundo.

